

**Director:**

Dinis de Abreu

**Directores-adjuntos:**

Helena Marques  
M. Bettencourt Resendes

Pedro Foyos (chefe de Redacção-adjunto), Maria Augusta Silva (coordenadora), Feliciano Ferreira, Graça Rosendo, Helena Mendonça, Isabel Stilwell, J. Rodrigues da Silva

**Reportagem fotográfica:**

Álvaro Tavares, Eduardo Tomé, Fernando Farinha, José Maurício, Lobo Pimentel Jr.

**Grafismo:**

João Candeias, José Maria Ribei-  
nho (maquetagem) e Fernando Bor-  
ges (arte final)

**Serviços de Imprensa:**

Agência Dias da Silva / Europeia de  
Imprensa / FERIAQUE / C&C — Con-  
sultores de Comunicação /  
/ Photosprint

**Redacção e Administração  
e Publicidade**

Av. da Liberdade, 266 - 1200 LIS-  
BOA - End. teleg. NOTÍCIAS - Telex  
12379 - Telef. 56 11 51-56 25 05  
54 81 04 (PPCA 20 linhas)

**Fotocomposição:**

Diário de Notícias / Lisboa

**Montagem:**

G.T.A.G. / Linda-a-Velha

**Fotolito e impressão:**

Mirandela & C. Irmão  
Lisboa

**DN-Magazine  
faz parte integrante  
da edição  
do «Diário de Notícias»  
e não pode ser vendido  
separadamente**

**ESTA EDIÇÃO INCLUI  
interbúdio**

**ROTEIRO TV  
E TEMPOS LIVRES  
EM BLOCO DE FECHO**

# SUMÁRIO

## Barbra Streisand: a insaciável

A vida de Barbra Streisand já foi comparada a um conto de fadas. Afinal, quem suporia que o patinho feio se transformasse em cisne, arrebatando o coração de alguns dos mais cobiçados homens? Tendo começado a cantar em bares de frequência duvidosa, hoje é considerada uma das melhores atrizes do nosso tempo. Porém, apesar de aparentemente ter tudo para ser feliz, Barbra parece continuar sempre insaciável, vivendo numa constante instabilidade emocional.



12

## Isabel de Castro: uma atriz combativa



Isabel de Castro. Uma grande atriz portuguesa que também escreve, não fosse ela filha e neta de escritores. Ao contrário da maioria dos actores portugueses, começou a sua carreira no cinema, em vez do palco. Estreou-se apenas aos 25 anos no papel de Teresa, na adaptação de *O Amor de Perdição*.

Hoje é «simplesmente» um dos nomes mais importantes e representativos do nosso teatro, que afirma ser «o amante mais exigente e insatisfeito» da sua vida.

22

## Bette Davis está de volta

Prestes a fazer 80 anos, a veterana atriz regressa ao cinema. Depois de uma doença grave, Bette Davis aceitou rodar a película *As Baleias de Agosto*, amplamente elogiada pela crítica. Mais magra, mas sem perder os traços que fizeram dela um dos rostos mais bonitos de Hollywood, continua a encantar as plateias de todo o mundo.

30

## A jogar o pau ninguém nos bate!

Se há, realmente, modalidades desportivas em que ficamos aquém dos estrangeiros, no jogo do pau não há quem nos bata! Nascido no Minho, este jogo era igualmente praticado em toda a região norte-nha, tendo sido introduzido no Real Ginásio, em Lisboa, pelo próprio rei D. Carlos. Hoje, o jogo do pau conta com cerca de 12 mestres, sendo praticado em várias escolas pelo País fora. Porém, se os financiamentos continuarem a faltar, corre-se o risco de, mais dia menos dia, termos professores vindos de fora a ensinar aos nossos alunos um desporto que surgiu em Portugal.



40

Anos 60 ainda «mexem» com os jovens	4
Crise, espectáculo, actores e público	14
Lídia Brondi — a filha inquieta de um pastor	34

SECÇÕES: HOBBYFOTO  ASTROS  BD/«JANE» E «FÓRMULA 1»  HORA LIVRE





# A jogar o pau ninguém

**M**arcamos passo em quase todos os desportos, sempre que nos confrontamos com estrangeiros. É um facto. Mas atrevam-se a medir forças connosco no jogo do pau, e muito levarão que contar. Não importa a modalidade, que nisso somos especialistas e os melhores de todos. Por cima ou por baixo, no jogo propriamente dito ou no hóquei em patins, pedimos meças seja a quem for.

O jogo nasceu no Minho e desenvolveu-se com grande perícia

em Cabeceiras de Basto, Terras de Bouro, Fafe e Arcos de Valdevez. Mas praticou-se igualmente em toda a região nortenha, onde o «ou vai ou racha» continua a fazer lei. É esclarecedora, aliás, a conhecida expressão «justiça de Fafe», em referência a uma terra que utiliza o cacete como símbolo da execução da justiça.

Como toda a gente, os Nortenhos procuram resolver os seus problemas a bem. Se o não conseguem, aí reside o perigo, porque frequentemente recorrem ao

murro e à cacetada. E o grande mal é eles convencerem-se de que o canastro do vizinho está a pedir fricções de marmeleiro, porque então há zaragata pela certa.

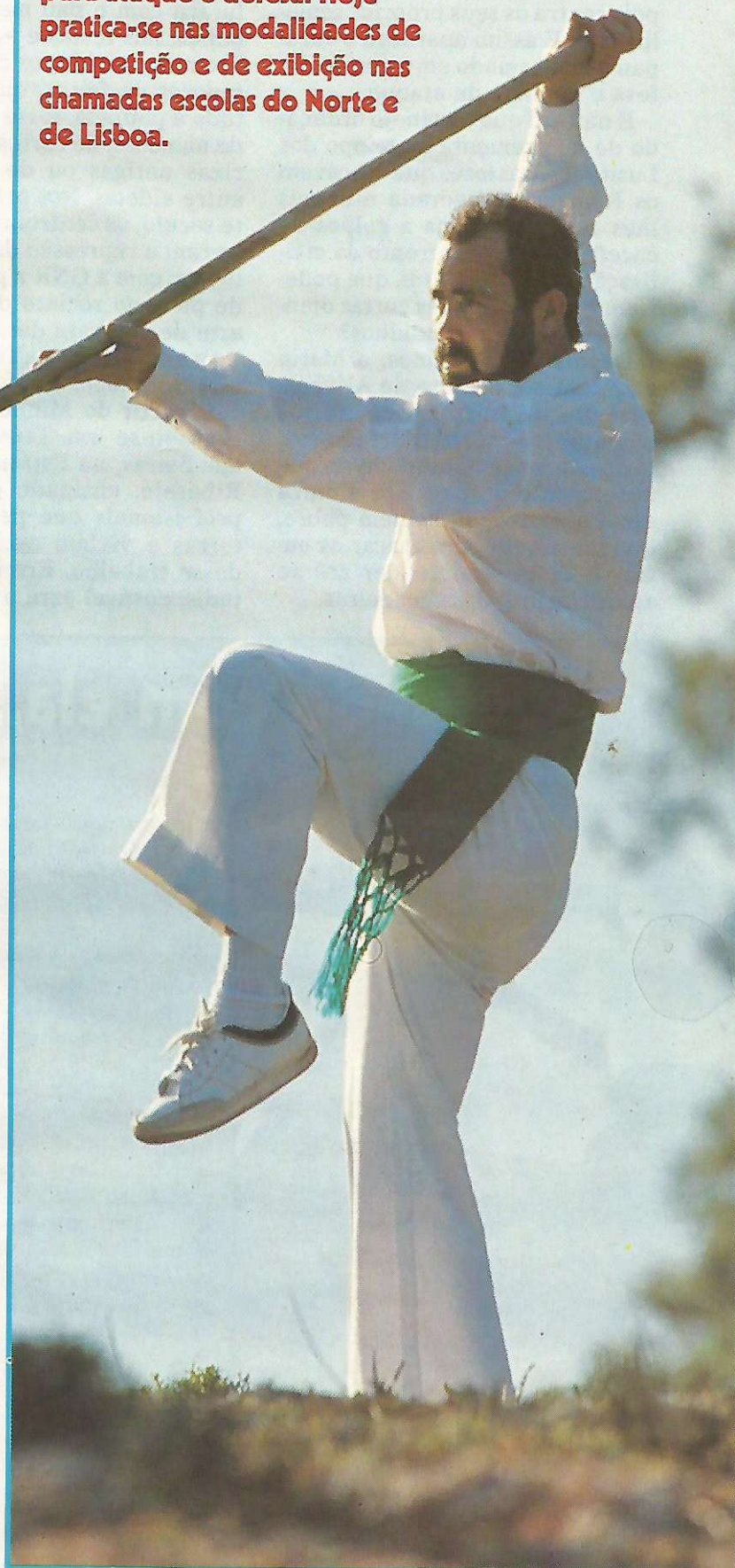
Não é propriamente sobre esta descarga da bÍlis — muito séria, perigosa e até polémica — que nos vamos debruçar. O que nos interessa agora é o autêntico jogo do pau, que bem no fundo é uma arte, uma técnica, um desporto e um recreio.

A sua história é curiosa, mas as suas origens permanecem obs- ▷





O jogo do pau nasceu no Minho, mas espalhou-se por Trás-os-Montes e pelas Beiras, até chegar ao Ribatejo. De início era uma técnica utilizada para ataque e defesa. Hoje pratica-se nas modalidades de competição e de exibição nas chamadas escolas do Norte e de Lisboa.



nos bate!

J. Rodrigues da Silva

**Portugal  
em competição  
europeia  
no mês de Junho,  
a convite  
da UNESCO**



## O JOGO DO PAU

curas. Na base de tudo esteve a luta que o homem primitivo, rude e guerreiro, se viu forçado a travar para sobreviver. Primeiro contra os animais ferozes e depois contra os seus próprios semelhantes. E assim apareceu o varapau transformado em arma de defesa e também de ataque.

É natural que o manejo ordenado do pau remonte ao tempo dos Lusitanos, pastores que atacavam os Romanos à pedrada e depois lhes caíam em cima a golpes de cacete. E neste confronto da civilização com a barbárie, que poderiam fazer as espadas curtas diante de possantes estadulhos?

Depois dos Romanos, a Maria da Fonte e a Padeira de Aljubarrota foram outros dos muitos exemplos onde os Portugueses testaram a sua habilidade no manuseamento do pau. Era a única arma acessível ao homem pobre, que lhe serviu para atacar os outros e deles se defender até ao aparecimento das caçadeiras.

O varapau ou cajado fazia parte da indumentária do homem do campo, que o não largava da mão, fosse a pé ou a cavalo. Ajudava-o a subir e a descer encostas, a apoiar-se e a descansar, a saltar obstáculos, a carregar as troixas, a tanger o gado e também a armar zaragatas.

O homem, sobretudo no Minho, lutava com o pau nas feiras, nos bailes, nas festas e nas romarias. Eram conhecidos os célebres varredores de feiras, que resolviam tudo à paulada, fosse por motivos de namoros, de cortes de água, de rixas antigas ou de rivalidades entre aldeias. Nos princípios deste século, os confrontos físicos sofreram a repressão das forças policiais, com a GNR a proibir o uso de paus no recinto das feiras. A arte de combate decaiu numa altura em que já era fácil adquirir armas de fogo.

A partir do Minho, o jogo implantou-se em Trás-os-Montes, nas Beiras, na Estremadura e no Ribatejo, ensinado por mestres profissionais que percorriam as terras e viviam exclusivamente desse trabalho. Era uma técnica indispensável para o homem nor-

tenho se defender. Em toda a parte havia escolas e os pais mandavam os filhos às lições. Rapazes havia que chegavam a vender as botas para assistir a uma aula de dez minutos, que custava, no princípio do século, o equivalente a um dia de salário.

De início era um jogo a sério, para ataque e defesa; mais tarde, nomeadamente na Estremadura e no Ribatejo, transformou-se em espectáculo desportivo. E o jogo que hoje se pratica no País é a evolução natural da sua forma primitiva, embora enriquecido de novas técnicas. Melhor dizendo, adaptado aos nossos tempos, à semelhança do que se passou com a esgrima, que foi transformada em desporto, quando as pessoas deixaram de andar na rua com a espada.

Hoje temos o jogo do pau nas modalidades de competição e de exibição, ambas baseadas no aproveitamento da mesma técnica: a exibição, servindo-se da espectacularidade do jogo; a competição, que é também uma forma de educação psicomotora e de autodomínio, como prática indispensável à sobrevivência futura da modalidade.

O rei D. Carlos introduziu o jogo no Real Ginásio (actual Ginásio Clube Português) para educar os seus filhos; depois foi praticado em quintais de Lisboa e noutras colectividades; presentemente, na zona da capital, joga-se no Ginásio Clube Português (a escola funciona no Liceu Pedro Nunes), no Ateneu Comercial de Lisboa e nalguns clubes recreativos.

No País inteiro haverá uns 12 mestres no activo e as seguintes escolas: três em Fafe e uma em Cabeceiras de Basto, Montalegre, Guarda, Palmela, Cova da Piedade, Alhos Vedros, Moita e Portimão. Os praticantes são à volta de 500 e também há mulheres nas aulas, muitas no Norte e três em Lisboa.

Existem, porém, duas grandes escolas de jogo do pau: a Escola do Norte e a Escola de Lisboa. A primeira tem feição predominante de jogo de feira, ou de varriemento, orientado para situações de combate com muitos adversários; a segunda cultiva principalmente o contrajogo, preferindo as situações de combate homem a homem. E foi a Associação do Jogo do Pau de Lisboa quem fundiu ambas as técnicas destas es-

## Cuidado com ela...

Foto: José Maurício



*Patricia Calisto é aluna do jogo do pau no Ginásio Clube Português e uma das três únicas moças de Lisboa que praticam esta modalidade. Aprecia os jogos duros e as sensações fortes, e assim faz também esgrima e «kung-fu». Bate-se com garra, de igual para igual, sem temer a força ou a técnica dos adversários masculinos. É uma rapariga valente, que se pode tornar perigosa em dias de chuva... Isto porque, embora só utilize o pau no ginásio, está disposta a quebrar os costados a quem se meter com ela na rua, nem que seja com o guarda-chuva! É cinta verde, propõe-se chegar à cor vermelha e, depois, também à preta. Entretanto, com o 8º ano de escolaridade já cumprido, vai-se mentalizando para, em breve, iniciar o curso superior de informática e gestão, ao mesmo tempo que adquire a ténpera necessária para a sua preparação física, que no futuro lhe pode servir para se defender e atacar.*





colas, por acção do mestre Pedro Ferreira.

Por definição, este jogo é uma técnica de luta, praticada por um pau direito e liso, de um metro e 55 centímetros, de preferência leve, resistente e flexível. As madeiras mais utilizadas são o mar-meleiro, o freixo, o carvalho, o castanho e o lódão. Mas é o lódão o mais apreciado, porque além de possuir todos estes requisitos tem a vantagem de não transmitir a vibração das pancadas à mão que o segura.

Muito antes de as artes marciais terem vingado em Portugal, já os praticantes desta modalidade usavam cintas de cores diferentes, de acordo com a sua gra-

duação: amarela (principiante), verde (iniciado), vermelho (jogadores a sério) e preta (jogador feito e instrutor). Depois da cinta preta contam ainda os anos de actividade. Há ainda a cinta roxa, atribuída ao mestre mais antigo pela comissão técnica da associação, após ter ultrapassado os cinco graus que medeiam entre o preto e o roxo.

Há três anos que se realizam campeonatos regionais nas zonas norte e sul, para escolher os cinco melhores de cada uma delas e disputarem, seguidamente, o campeonato nacional. O ano passado não se disputaram quaisquer destas provas por falta de dinheiro. Convém lembrar que a

Associação de Jogo do Pau de Lisboa foi criada em 1977 e recebe como subsídio, cerca de 80 contos anuais. Apesar de ter um fim cultural e desportivo, não tem sede própria mas possui estatutos de federação, pertence ao Comité Olímpico Português e está inscrita na Direcção-Geral dos Desportos.

«Os apoios que nos dão não chegam, a modalidade não é protegida, a situação actual é vergonhosa para o País, não se faz a necessária divulgação e esta arte tradicional portuguesa corre o risco de desaparecer.» Assim desabafou Nuno Russo, praticante, instrutor e cinta negra, que coordena a associação e dá aulas no Ginásio Clube Português.

Na Páscoa de 1987, uma representação portuguesa participou, pela primeira vez, numa competição internacional, e venceu esse torneio, impondo uma técnica que foi elogiada pelas representações estrangeiras. Fomos campeões mundiais, mas para isso ficou por disputar o campeonato nacional e os regionais desse ano, porque a verba foi canalizada para esse torneio.

Em Janeiro passado, outra representação nacional esteve em França, desta vez para exercícios de exibição no Festival de Artes Marciais, onde deslumbrou quantos assistiram ao espectáculo, incluindo os orientais. E de 17 de Junho a 3 de Julho próximo, por convite da UNESCO, mais uma vez Portugal estará representado num encontro de jogos tradicionais europeus, com exhibições de jogo do pau, a decorrer na Córsega.

Para um praticante ser bom jogador de pau necessita, no mínimo, de seis anos, com treinos de seis horas por semana. «O público prefere assistir em vez de praticar», disse ainda Nuno Russo. «Isso é também fruto de um complexo muito nosso, porque estou certo de que se este desporto fosse ensinado por chineses ou japoneses não faltaria quem quisesse aprender.»

Instrutores portugueses têm formado gente para ensinar o jogo em França, e se os apoios continuarem a faltar, qualquer dia teremos franceses em Portugal a dar lições aos nossos alunos. Há que não deixar morrer esta arte e este desporto, que é tipicamente nacional. □